

Assassino sem causa

Até a chacina terminar, ninguém suspeitava
da identidade do franco-atirador
fatalmente certo que disparava da janela

GERALD MOORE

POUCO antes das três da tarde, Earl Metcalf, conhecido por seus muitos amigos como o «Magriço», acabou de consertar uma janela quebrada na escola secundária de Olean, Nova York, um imponente edifício estilo 1930, na Rua Sullivan. O dia 30 de dezembro de 1974 foi uma segunda-feira; era um dia útil, intercalado entre um fim-de-semana e o feriado do Ano Novo. A escola estava fechada, em férias, mas o pessoal de manutenção continuava trabalhando normalmente.

Aquela indolência típica dos dias feriados estava patente em Metcalf quando este se apresentou ao patrão, Dick Krott, no escritório de manutenção no subsolo. Deixando cair seu corpo de 1,95 m de altura num sofá surrado, ao lado de seu colega de trabalho Gordie Huff, Metcalf começou a ler um folheto sobre aposentadoria. Em abril, faria 62 anos e poderia se aposentar. Depois de 27 anos trabalhando nas escolas de Olean, antevia esse dia com satisfação.

De súbito, os três homens ouviram alguém gritar: «Fogo no terceiro andar!»

Huff e Metcalf levantaram-se de um salto e correram para as escadas. Krott, que vinha logo atrás, parou antes de atingirem a porta. «Vamos desligar a corrente!», disse. «Pode ser um incêndio causado por um curto-circuito.» Krott e Huff se precipitaram para a caixa de fusíveis. Metcalf subiu pela escada.

No corredor do segundo andar encontrou o guarda Joe Kosidlo. Juntos, percorreram o último lance de escada, Metcalf na frente. No terceiro andar, perto da sala do conselho de estudantes, viram fumaça espessa e negra e cinco cápsulas de balas já usadas caídas no chão, perto de uma granada de fumaça rebentada. O puxador da porta tinha sido arrombado a tiro. Alarmado pelo que via, Kosidlo hesitou, mas Metcalf penetrou rapidamente na sala. Uma segunda porta, de vidro fosco, barrava-lhe o caminho. Através dela, Kosidlo

vislumbrou a silhueta de um homem com um fuzil na mão.

«Magriço!», gritou Joe Kosidlo. «Não seja louco! Volte!»

Metcalf, porém, não parou. Ouviu-se uma explosão ensurdecedora. O vidro se despedaçou e Metcalf foi arremessado para trás contra Kosidlo. Este recuperou o equilíbrio, voltou-se e fugiu. Metcalf não se mexeu. Estava morto.

Sangue na Rua Sullivan. Na Companhia de Bombeiros n.º 1 tocou o alarme de incêndio. Em poucos segundos, Herbert Elmore retirou o grande carro-bomba amarelo n.º 42 para fora do quartel de bombeiros. A seu lado estava o Capitão John Snopkowski. Neal Pilon, de 58 anos, empregado da Companhia de Gás Colúmbia, de Nova York, ouviu a sirene de incêndio e seguiu com seu caminhão atrás do carro dos bombeiros. Durante mais de 20 anos, Pilon tinha ido aos locais de muitos dos incêndios em Olean, para cortar o gás.

Nisto, precisamente na ocasião em que Elmore entrava com o carro de bombeiros na Rua Sullivan, um tiro ecoou. Elmore não chegou a ouvi-lo – a bala entrara pela janela e o atingira na cabeça. Os estilhaços de vidro atingiram Snopkowski em cheio no rosto. A bala prosseguiu sua trajetória pela cabina e foi atingir George Williams, que vinha atrás. Este caiu e seu colega Greg Kwiatkowski se atirou sobre ele, num ato instintivo de proteção.

Imediatamente, ouviu-se um segundo tiro, e Pilon, que tinha atravessado o cruzamento para estacionar ao lado da escola, estatelou-se no chão.

Snopkowski debruçou-se pela janela do carro de bombeiros n.º 42 e berrou: «Cuidado! Abaixem-se!» Kwiatkowski ajudou Williams a pôr-se de joelhos. Juntos, rolaram para fora do banco da frente, procurando cobertura por trás do caminhão. Snopkowski correu para se juntar a eles.

Quando Bud Fromme levava o carro de bombeiros n.º 41 para a Rua Sullivan, ouvira os tiros que atingiram Elmore e Pilon, mas não se apercebera do que estava se passando. Então, uma bala penetrou através da cabina do carro de Fromme, produzindo-lhe um rasgo no boné e no couro cabeludo, estilhaçando o vidro de trás do veículo e atingindo no estômago Joseph, que era irmão do Capitão Snopkowski.

Ignorando o que tinha acabado de se passar com o carro 41 e com seu irmão Joseph, o capitão viu um caminhão-tanque dos bombeiros virando para a Rua Sullivan. Acenou com a mão, para pedir ajuda, e Frank Ensell, o motorista, acelerou em direção ao carro 42. Passou precisamente em frente da escola e, vendo o rosto ensangüentado de Snopkowski, compreendeu que estavam em perigo.

Ensell, o Tenente John Gibbons e David Nolder saíram do caminhão-tanque e se abrigaram.

Subitamente, Ensell se apercebeu de que o caminhão-tanque poderia servir de escudo de proteção entre a escola e o carro 42. Rastejando, voltou até a porta do caminhão e engrenou a primeira. Baixando a cabeça e expondo apenas a mão que ia no volante, empurrou lentamente o caminhão-tanque por uns 30 metros, até um lugar protegido entre a escola e o carro 42.

Momentos de horror. Gibbons viu Pilon caído no meio-fio e se encaminhou para ele, mas uma bala silvou a poucos centímetros, e o obrigou a recuar.

Enquanto os bombeiros tentavam desesperadamente descobrir uma forma segura de alcançarem Pilon, o ferido acenava com dificuldade, pedindo socorro. Gibbons, que estava prestes a fazer nova tentativa de ir em seu auxílio, hesitou ao ouvir outro tiro. Esta outra bala atingiu na cabeça Pilon, que ficou imóvel. Gibbons afastou-se, impressionado pelo que via.

Alertada por um telefonema, a polícia imediatamente deu ordem para se isolar a área da escola, a fim de que os curiosos não se aproximassem. Esta ordem, porém, não chegou a tempo de salvar Carmen Wright Drayton.

A Srá. Drayton, de 25 anos, que estava grávida, prometera levar às compras seu pai, que era cego. Quando ia buscá-lo em casa, no caminho seu carro enguiçou, e ela teve de telefonar à irmã, Cynthia,

pedindo-lhe que viesse ajudá-la. Meia hora depois, quando Cynthia chegou, Carmen Drayton já estava tremendo de frio, acompanhada pelo irmão mais novo, Jud. Cynthia disse que iria com a irmã buscar alguém que pudesse consertar o carro.

Perto da escola, Cynthia viu vários caminhões de bombeiros e um carro da polícia. No momento em que se aproximava do cruzamento das ruas Third e Sullivan, deu-se uma violenta explosão e vidros se espalharam por toda parte. Cynthia voltou-se para trás e viu Jud levando as mãos ao rosto ensangüentado. Depois, Carmen escorregou lentamente pelo banco, ficando encostada nele.

No mesmo instante, outros dois grandes orifícios se abriram no pára-brisas. Enfrentando uma chuva de estilhaços, Cynthia acelerou e se dirigiu ao hospital. Jud foi encaminhado à seção de cirurgia, para que lhe retirassem os vidros que tinha nos olhos. Quanto a Carmen, já nada havia a fazer.

Salvamento sob balas. Momentos depois, Wayne Dutton, a mulher e três filhos aproximaram-se da mesma esquina, em seu carro. Dutton ouviu uma explosão, o motor parou e a buzina começou a tocar ininterruptamente. Era como se seu carro tivesse explodido. A primeira coisa de que ele se lembrou foi tirar os filhos para fora, antes que o carro se incendiasse. Ao sair, foi atingido por uma bala que lhe

atravessou o braço. A Sra. Dutton empurrou os filhos para o fundo do carro e tentou mantê-los ali abrigados, mas os disparos e o som da buzina os aterrorizavam, e eles se puseram a chorar. Robbie, de sete anos, porém, começou a rastejar na direção do pai, que nessa altura já estava ferido.

Jack Marsfelder caminhava perto da escola, precisamente no instante em que Wayne Dutton fora atingido. Não se importando com a própria segurança, Marsfelder correu para Dutton, que sangrava abundantemente de uma artéria, e se jogou a seu lado. Agarrou-o e o fez deitar-se na rua por trás de uma das rodas dianteiras do carro. Como tinha alguns conhecimentos de primeiros-socorros, Marsfelder rasgou a camisa de Dutton e improvisou rapidamente uma atadura compressora para lhe pôr no braço.

Gibbons receava que Herbert Elmore, que fora finalmente libertado por Kwiatkowski e Williams da cabina do carro 42, morresse por falta de tratamento imediato, mas as balas disparadas da sala do conselho dos estudantes eram tão certeiras que ao menor movimento deles imediatamente se ouvia o disparo de nova bala. Utilizando o rádio do carro dos bombeiros, Gibbons entrou em contato com Walter Thorpe, motorista de uma ambulância, a quem relatou o que estava se passando. Explicou-lhe que Elmore podia morrer em qualquer dos casos, e

que a pontaria do franco-atirador era mais do que certa. Apesar disso, Thorpe não hesitou. Disse a Charles Fortuna, que o acompanhava, que se baixasse, e seguiu rapidamente pela Rua Sullivan, através do tiroteio, parando ao lado do carro 42. Encobertos pelo carro dos bombeiros e pelo caminhão-tanque, Thorpe e Fortuna meteram Elmore dentro da ambulância e se dirigiram às pressas para o hospital.

Nesta altura, a polícia de Olean e soldados tinham tomado posições em torno da escola. Não havia possibilidade de ninguém escapar, mas invadir o prédio sem ferir as pessoas inocentes que estavam lá dentro (havia, pelo menos, doze) não era tão fácil assim. Enquanto o chefe da polícia de Olean, Mike Luty, e o detetive John Stofer, do Departamento de Investigação Criminal de Nova York, traçavam um plano, o Tenente Arthur Filjones e o patrulheiro James Tambash chegaram num carro da polícia não identificado; então, aceleraram em direção ao carro 41 e, sob o fogo das balas, resgataram os dois feridos.

Pouco antes das quatro horas, Luty telefonou pedindo um tanque de guerra dos que havia no Arsenal da Guarda Nacional de Olean. William Foss, comandante da unidade, não conseguia completar uma chamada telefônica, para obter a necessária autorização que teria que vir de Buffalo ou de Albany. Então, Foss decidiu que

as vidas humanas eram mais importantes do que a burocracia, e deu autorização para que o tanque saísse.

Assalto ao reduto. Quando o blindado avançou lentamente pela Rua Sullivan, foi colocado de forma a proteger o carro dos Dutton. Finalmente libertos da provação a que tinham sido sujeitos, a Sra. Dutton e os filhos correram para o tanque, atrás do qual se protegeram. Então, Thorpe e Fortuna, que observavam tudo, correram e colocaram Dutton numa maca. A atadura, aplicada no momento oportuno, tinha-o salvo de uma hemorragia fatal. Agachando-se ao lado do tanque, enquanto este dava marcha à ré, o pequeno grupo se dirigiu para lugar seguro.

Luty e Stofer decidiram invadir a escola pela retaguarda. Dois agentes da polícia, armados de rifles, ficaram cobrindo a escada dos fundos, enquanto outros quatro subiam até o terceiro andar.

Reinava silêncio no longo corredor que levava à sala do conselho de estudantes. O corpo de Metcalf jazia perto da granada de fumaça detonada. Cuidadosamente, com os rifles prontos a disparar, os quatro policiais avançaram. A um sinal combinado, o detetive David O'Brien entrou abruptamente no vestíbulo e disparou, abrindo um segundo orifício na porta de vidro fosco, ao mesmo tempo que outro agente arremessava uma granada de gás lacrimogêneo. Depois que o gás

começou a fazer efeito, irromperam dentro da sala. Eles nem sonhavam encontrar a cena com que foram deparar.

Uma obscenidade tinha sido pintada com *spray* numa parede, onde as enormes letras ainda estavam úmidas e pingando. O chão se achava em desordem, cheio de cápsulas de balas e restos de cartuchos de espingarda. Ao lado de uma secretária derrubada, O'Brien vislumbrou uma pessoa estendida ao comprido no chão, vestida com calças e blusão camuflados. Tinha o rosto coberto por uma máscara antigás. Perto de sua cabeça, um gravador tocava música *rock*. O'Brien tirou-lhe a máscara e viu o rosto de um rapaz.

Imediatamente, o detetive verificou que seu prisioneiro, apesar de inconsciente, estava ileso. A máscara fora mal colocada e deixara entrar gás. O rapaz foi posto numa maca e amarrado. Mike Barbaro, encarregado de segurança da escola, abriu caminho para ver quem estava na maca. «Meu Deus!», gaguejou, com a expressão deformada pela incredulidade. «É meu sobrinho! Por que é que ele faria isto? Por quê?»

Percorrer a cidade. O franco-atirador que, naquela fatídica segunda-feira, foi retirado da sala do conselho de estudantes era Anthony Barbaro, de 17 anos, excelente aluno – o tipo de rapaz que, até aquele dia, fazia o orgulho de qualquer família. Poucas semanas antes, Tony fora premiado

com uma bolsa de estudos. Era o oitavo melhor aluno numa classe de 290 alunos. Não fumava, não bebia nem tomava drogas. Era sacristão e membro da Sociedade Nacional de Honra. Era também o terceiro melhor atirador da equipe de tiro de fuzil que representava a escola secundária.

Tony, rapaz baixo mas musculoso, era o mais velho de quatro irmãos. Um colega de escola se recorda dele como um «bom sujeito, sempre pronto a ajudar os outros». No entanto, um outro companheiro dele, também integrante da equipe de tiro, disse que, por vezes, Tony falava em «percorrer a cidade» num tanque da Guarda Nacional, ou em se fechar em qualquer lugar para um duelo a distância. Entre os objetos pertencentes a Tony, foi encontrado um diário em que ele analisava o melhor local para uma orgia de tiro, mencionando a própria escola.

O quarto de Tony também estava cheio de rifles e armas de caça, inclusive o fuzil com mira telescópica calibre 36-06, que ele comprara com autorização da mãe numa casa de armas da cidade e que viria a utilizar como franco-atirador. Era uma arma com alcance suficiente para matar um gamo a 550 metros. Segundo vários amigos, ele certa vez falara de «como deve ser estranho o que sente um franco-atirador afugentando as pessoas».

Solidariedade. A população de Olean não recorreu ao ódio nem à

recreinação, mas sim ao auxílio às pessoas que tinham sofrido naquele sinistro 30 de dezembro. A cidade cercou de ajuda e consolo as famílias das vítimas.

Tanto amigos como estranhos levaram comida e conforto às viúvas. Em memória de Earl Metcalf, a Loja Maçônica mandou celebrar o serviço fúnebre mais concorrido que já fora realizado em Olean.

Quando Herbert Elmore se recuperou o bastante para sair do hospital e voltar para casa, foi saudado por numeroso cortejo motorizado. A banda da escola secundária desfilou à frente da ambulância que transportava Elmore, ainda parcialmente paralisado. A Rua Principal estava apinhada de pessoas que o felicitavam gritando: «Bem-vindo a casa, Herbie!» Num esforço que parecia personificar o espírito de Olean, Elmore se levantou, lenta e penosamente, ficando sentado na ambulância. Depois, sorriu e começou a corresponder às saudações.

Ao ver Elmore acenando, um homem pareceu resumir tudo quanto a população sentia, ao declarar: «É pena que isto tivesse acontecido, mas, quando uma crise é realmente importante, o povo de Olean, essa gente simples, mostra o seu caráter todo especial.»

Tony Barbaro foi acusado do assassinio de três pessoas, alegando-se em seu favor a não culpabilidade, «em virtude de insanidade mental». No dia 1.º de novembro de 1975, ao fim da primeira semana de julgamento, Tony suicidou-se em sua cela, enforcando-se com um lençol atado a uma das barras da porta.

66 Entre Aspas 99

QUANTO mais alto ele falava de sua honra, mais depressa íamos contando nossas colheres. — Ralph Waldo Emerson

AINDA está para chegar o dia em que eu ficarei chateado quando alguém me elogiar. — Otto Van Isch

DESFERIMOS mil golpes nas ramagens do mal para cada machadada que acertarmos na sua raiz. — Henry David Thoreau

A VERDADEIRA amizade existe quando o silêncio entre duas pessoas se torna eloqüente. — D. T. G.

O HOMEM atribui ao destino os acidentes que acontecem aos outros, mas sente-se pessoalmente responsável quando acerta uma bela tacada no golfe. — Horizons

TODOS somos especialistas em praticar a virtude à distância. — Theodore M. Herburgh, em *The Human Imperative*

CAVALHEIRO autêntico é o homem que sabe tocar gaita-de-foles... mas não toca. — *The Wall Street Journal*

A MAIORIA das pessoas tem mais disposição em defender com unhas e dentes nosso direito de falar do que em nos ouvir. — R. B.

QUANDO o amor e a inteligência trabalham em conjunto é de se esperar uma obra-prima. — John Ruskin

PIOR que uma consciência ativa é uma consciência retroativa. — H. C.

VOCÊ se lembra daqueles tempos em que a poluição atmosférica era romanticamente chamada «poeira de estrelas»? — L. O.

QUANDO tudo mais falhar, siga as instruções. — H. E. A.

A ARMA mais poderosa deste mundo é a alma humana acesa. — Ferdinand Foch

SE QUISER fazer de um homem seu inimigo, diga-lhe simplesmente: «Você está errado.» É um método que não falha. — H. C. L.